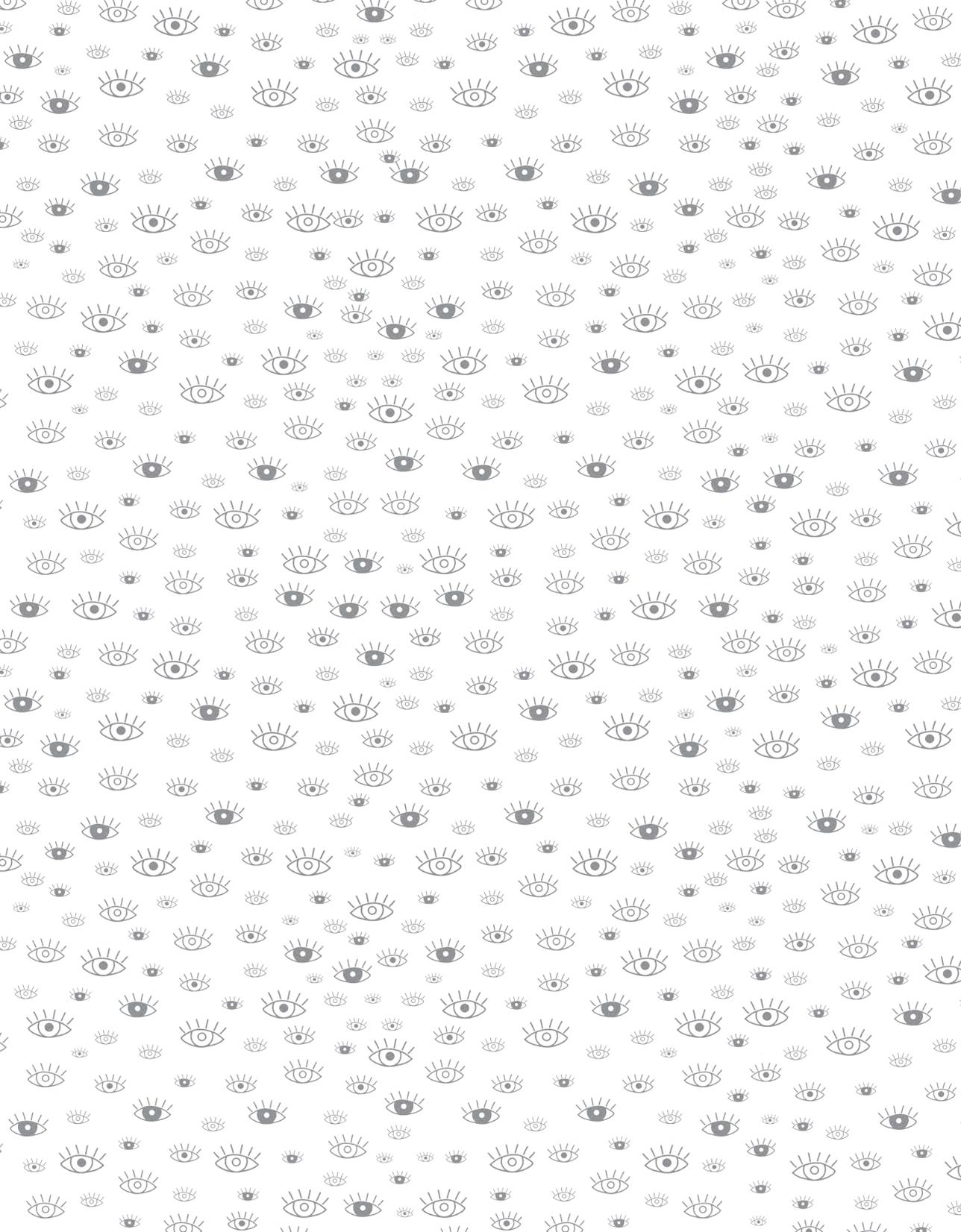




OLHARES SOBRE  
O PROUNI  
NA PUCPR

Organizadores  
Fabiano Incerti  
Saulo Geber

 PUCPRESS





OLHARES SOBRE  
O PROUNI  
NA PUCPR

Curitiba, 2018

1ª Edição

Organizadores  
Fabiano Incerti  
Saulo Geber

  
PUCPRESS

© 2018, Fabiano Incerti e Saulo Geber (Orgs.)  
2018, PUCPRESS

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

**Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
(PUCPR)**

**Reitor**

Waldemiro Gremski

**Vice-reitor**

Vidal Martins

**Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e  
Inovação**

Paula Cristina Trevilatto

**Pró-Reitor Comunitário e de Extensão**

Ir. Rogério Mateucci

**Diretor de Identidade e do Instituto Ciência e Fé**

Fabiano Incerti

**Gerente Executivo de Identidade Institucional**

José André de Azevedo

**Conselho Editorial**

Auristela Duarte de Lima Moser

Cilene da Silva Gomes Ribeiro

Eduardo Biacchi Gomes

Evelyn de Almeida Orlando

Léo Peruzzo Júnior

Rodrigo Moraes da Silveira

Ruy Inácio Neiva de Carvalho

Vilmar Rodrigues Moreira

**PUCPRESS**

**Coordenação:** Michele Marcos de Oliveira

**Editor:** Marcelo Manduca

**Preparação de texto:** Susan Cristine Trevisani dos Reis

**Revisão:** Susan Cristine Trevisani dos Reis e Lara Padilha

**Capa, projeto gráfico e diagramação:** Solange  
Freitas de Melo Eschípio

**Impressão:** Gráfica Capital

**PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat**

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 6º andar

Campus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR

Tel. +55 (41) 3271-1701

pucpress@pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR  
Biblioteca Central

045 Olhares sobre o Prouni na PUCPR/ Fabiano Incerti, Saulo Geber (organizadores). – Curitiba :  
2018 PUCPRESS, 2018.  
198 p. ; 22 cm.

Inclui bibliografias  
ISBN 978-85-68324-87-5

1. Prouni (Programa). 2. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. 3. Política  
Pública. 4. Ensino Superior. I. Incerti, Fabiano. II. Geber, Saulo Pfeffer.

CDD 20. ed. – 378

# dedicatória

*Dedicamos este livro  
aos estudantes bolsistas  
do Ensino Superior,  
pela sua luta diária  
por uma formação de qualidade  
e uma vida melhor.*

Falo não por mim, mas por aqueles sem voz...  
aqueles que lutaram por seus direitos...  
seu direito de viver em paz,  
seu direito de ser tratado com dignidade,  
seu direito à igualdade de oportunidade,  
o seu direito de ser educado.

Malala Yousafzai

Não desanimeis diante das dificuldades  
apresentadas pelo desafio educativo!  
Educar (...) é uma atitude, um modo de ser;  
para educar é preciso sair de si mesmo e  
permanecer no meio dos jovens, acompanhá-los  
nas etapas de seu crescimento, pondo-se ao seu lado.  
Dai-lhes esperança, otimismo para o seu caminho no mundo.

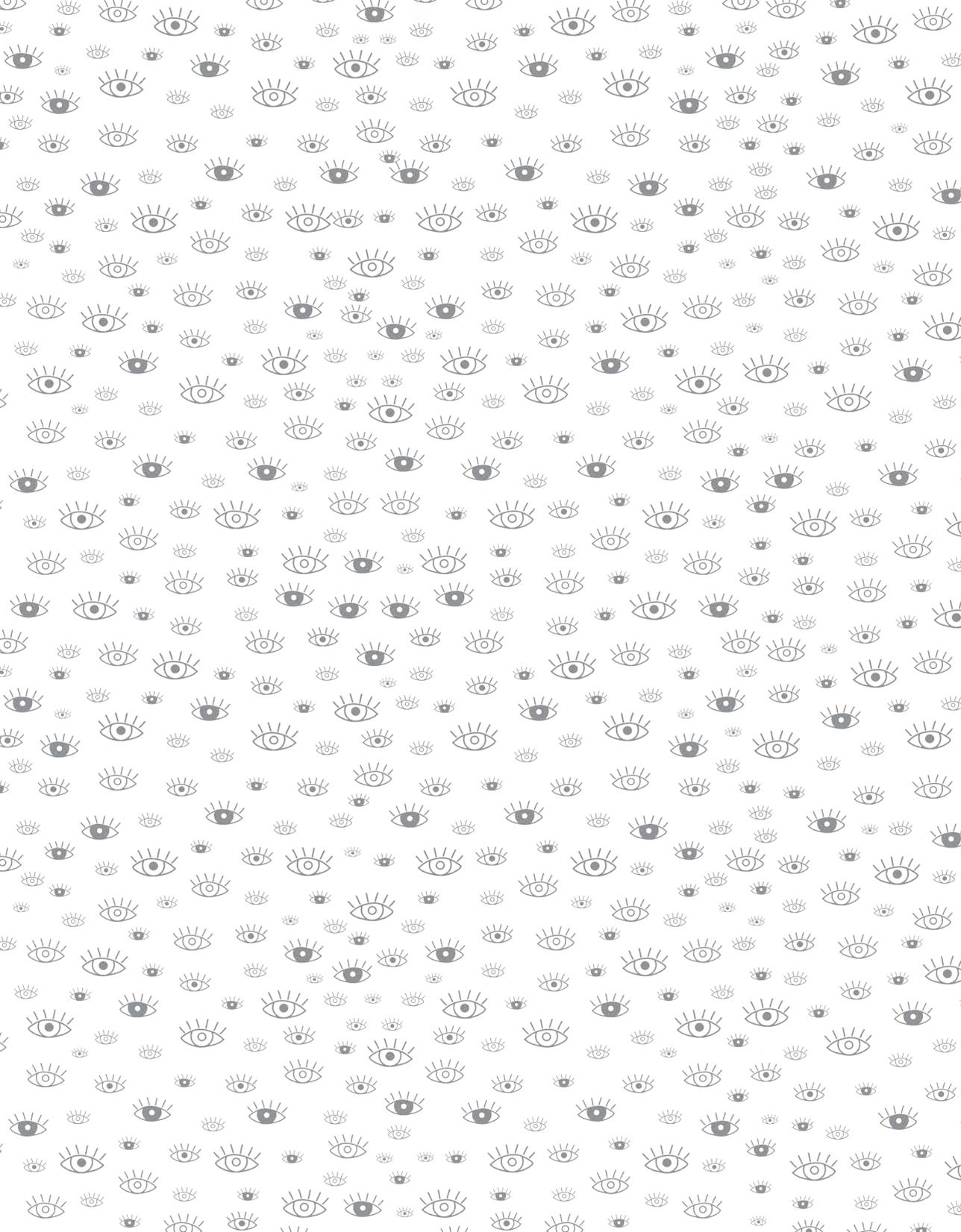
Papa Francisco

# Sumário

PREFÁCIO .....	7
O ACESSO E A PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES BOLSISTAS NO ENSINO SUPERIOR: O PROJETO <i>ADVOCACY</i> PROUNI NA PUCPR .....	18
Fabiano Incerti e Saulo Geber	
UM OLHAR DE ESPERANÇA NUM CONTEXTO SOCIAL DE DIFICULDADES – ALUNOS BOLSISTAS PROUNI NA ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES DA PUCPR .....	38
Marcos José Zablonky	
PROGRAMA UNIVERSIDADE PARA TODOS (PROUNI) – EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS PELOS ALUNOS DA ESCOLA DE MEDICINA .....	66
Solena Ziemer Kusma	
DESAFIOS E PERSPECTIVAS DO PROUNI ENQUANTO POLÍTICA PÚBLICA DE INCLUSÃO UNIVERSITÁRIA NAS PONTIFÍCIAS UNIVERSIDADES CATÓLICAS DO BRASIL .....	86
Cezar Bueno de Lima e Aline do Rocio Neves	
SER BOLSISTA NA UNIVERSIDADE: UMA CARTOGRAFIA DAS DIFICULDADES ENCONTRADAS POR ESTUDANTES BOLSISTAS NA PUCPR – CÂMPUS LONDRINA .....	110
Ana Priscilla Christiano, Marcela Alves de Souza e Nicolay Martini de Oliveira	
AS POLÍTICAS DE ACESSO À EDUCAÇÃO SUPERIOR E OS DESAFIOS DO PROCESSO DE FORMAÇÃO .....	132
Maria Lourdes Gisi	
PROGRAMA UNIVERSIDADE PARA TODOS – PROUNI: UMA POLÍTICA PÚBLICA DE ACESSO E DE DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR .....	152
Ana Sílvia Juliatto Bordini e Daniele Setsuko Praxedes Ribaski	

## RELATOS

- O que eu carrego na minha bolsa? ..... 163  
Diego Alberto Oliveira Alves
- Os passos que dei ..... 167  
Dieila Giomo de Lima
- Proni: uma oportunidade que gera oportunidades ..... 170  
Izabel Borges da Silva
- A história de um peixe que aprendeu a nadar fora d'água ..... 172  
Priscila Gomes Borbela
- Diário de bordo ..... 176  
Sara Pires de Siqueira
- Dos recicláveis à Medicina ..... 178  
Bruna Fernanda de Castro
- Proni: do ingresso à permanência ..... 180  
Camila Aparecida Soares de Oliveira
- Proni: uma oportunidade de uma nova história ..... 182  
Fernanda Cristina de Lara
- Em busca do sonho da universidade ..... 186  
Francieli Mota de Oliveira Lima
- Da Cohab para o mundo ..... 188  
Patricia Fernanda Pereira
- Sonhar requer a coragem de não olhar para trás ..... 190  
Polyana Raquel Pedroso
- Um olhar sobre mim ..... 194  
Rafael Rodrigues



# PREFÁCIO

## A universidade no Brasil

Vivemos num país que aguardou 308 anos para ver a sua primeira faculdade – quando o mundo já contava com 160 universidades - e mais 412 anos para a sua primeira universidade (do Paraná), cujo status (de universidade) seria cassado 3 anos após e recuperado apenas em 1946. Portanto, adentramos o século XX como país sem uma única universidade.

Como consequência desta visão distorcida das elites que nos antecederam, o Brasil ainda paga um pesado ônus que, em grande parte, responde pela emergência de um ambiente onde a injustiça social e uma prática negativa da cidadania são, a cada dia, mais evidentes. Considero, por isso, a educação como o mais grave desafio do país, a demandar um enorme esforço de todos os segmentos organizados da sociedade para recuperar o tempo perdido, na busca de inadiáveis e corajosas mudanças, incluindo a superação de graves barreiras culturais, em todos os seus níveis.

## A universidade privada x pública

A partir da década de 1960 o ensino superior começa a dar sinais de evolução, incluindo a pesquisa e a pós-graduação como seu requisito fundamental. Além disso, entre 1960 e 1980, o número de matrículas neste nível passou de 200 mil para 1,4 milhão, um crescimento de quase 500%, sendo no setor privado mais de 800%.

Já a partir da década de 1990, motivado principalmente pela expansão do ensino médio e pela ausência de investimentos na área pública, verificou-se um crescimento explosivo do ensino superior privado. De acordo com o INEP, em 2000, de cada dez instituições, oito eram privadas e duas públicas, com a área privada representando, já naquela época, 67% de toda a oferta e 85% dos estabelecimentos, tudo isso sem qualquer planejamento que buscasse um equilíbrio entre a oferta pública e privada. Condição que, a bem da verdade, persiste até os dias atuais.

## AGênesedoPAE–ProgramadeApoioEstudantil

Faço esse introito para reforçar que, afora a aprovação de legislação que buscava um ordenamento legal institucional para a graduação, pouco se viu até 2003 em termos de um planejamento efetivo a médio e longo prazo nessa área, seja ela pública ou privada, em especial no que se refere a um acesso mais equitativo às camadas socialmente mais vulneráveis. É preciso ter claro que não haverá desenvolvimento sustentável sem uma inclusão social justa na área educacional. Sobram exemplos ao redor do mundo.

Embora o FIES - Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior - criado em 1999, representasse um formidável avanço, as condições exigidas para a sua concessão, renda mínima e devolução após a conclusão do curso, comprometiam seriamente sua capacidade de atingir os estratos efetivamente mais carentes.

É nesse contexto que, em janeiro de 2003, fui convidado pelo Secretário de Educação Superior do MEC (SESu/MEC), Prof. Carlos Roberto Antunes dos Santos, ex-reitor da UFPR, a assumir a Diretoria de Projetos Especiais e de Modernização e Qualificação do Ensino Superior – DEPEM/SESu. Diretoria que tinha como seu grande desafio propor e desenvolver programas inovadores que pudessem representar avanços tanto de natureza social como administrativa e tecnológica junto ao ensino superior público e privado do país.

A par de grandes dificuldades somadas a um corolário de decepções, esta foi, certamente, uma das experiências mais estimulantes, pois me possibilitou uma visão ampla e profunda da realidade nacional na área da educação superior, num nível de percepção crítica privilegiado, possível somente quando alguém é ator em todo esse processo.

No decorrer de 2003, entre mais de uma dezena de projetos propostos, dos quais vários implementados e vigentes até os dias atuais, o DEPEM/SESu busca idealizar uma proposta que torne acessível o ensino superior público e privado às camadas econômico-sociais mais frágeis.

À época dados mostravam uma condição social preocupante não apenas na área privada, mas também na pública, onde cerca de 25% do alunado mostrava-se desprovido de condições mínimas de sobrevivência, em especial nas regiões Norte e Nordeste. Nesse momento houve a percepção de que no nosso entorno acontecia uma grave injustiça social, que alcançava um importante percentual dos jovens que aspiravam um diploma no ensino superior, a exigir uma solução inadiável. Buscar essa solução cabia ao DEPEM/SESu.

Assim surge a proposta de criação do Programa de Apoio ao Estudante Universitário – PAE, que buscava atender tanto o aluno da instituição privada quanto da pública. À época todos tínhamos clareza que, especificamente no caso da IES privada, não bastava assegurar o ingresso, mas também a permanência do bolsista na universidade. Por isso o PAE deveria contar, na sua concepção original, com duas modalidades de apoio – bolsas de estudo, transferidas diretamente à IES privada credenciada ou bolsas de manutenção, transferidas diretamente ao estudante, fosse ele de IES pública ou privada. Todos sabíamos que a formação universitária não se restringe apenas ao pagamento da mensalidade.

Proposta que foi acolhida com entusiasmo pelo então Ministro da Educação e atual Senador Cristovam Buarque, segundo o qual o PAE viria a ser um importante complemento do FIES, inacessível àqueles de mais baixa renda.

O Ministro, porém, vislumbrou a possibilidade de o PAE tornar-se também, além de um apoio aos alunos mais carentes, uma oportunidade para erradicar o analfabetismo no país. Assim, embora o auxílio fosse a fundo perdido, na proposta ministerial seria exigida dos bolsistas uma dedicação de seis horas por semana, durante um semestre de seu curso, à alfabetização de adultos, além de privilegiar as licenciaturas. É bom lembrar que o artigo 208 da Constituição de 1998 determinava o prazo de 10 anos para que o Brasil se transformasse em país livre do analfabetismo.

Como se percebe, o PAE não tinha como objetivo exclusivamente o amparo financeiro. Buscava-se um apoio que possibilitasse um acompanhamento que permitisse ao bolsista construir

sua formação de maneira equivalente à dos alunos oriundos de classes com melhores condições financeiras, além de uma experiência de voluntariado comunitário. Um caminho para uma inclusão que não se esgotasse num pagamento mensal.

## PROUNI–Programa Universidade para Todos

Projeto de lei propondo a criação do PAE foi encaminhado pelo MEC à Casa Civil em 07 de outubro de 2003, com a sua dotação orçamentária aprovada e com a perspectiva de implementação a partir de 2004.

Porém, com a mudança ocorrida no ministério ao final de 2003, foi necessária a revisão da proposta original, o que resultou em mudanças significativas. Cabe ressaltar, entre outras alterações, a retirada de apoio aos estudantes das instituições públicas, o apoio a ser pago diretamente ao aluno das privadas, além do foco nas licenciaturas e na erradicação do analfabetismo.

Entendo, por isso que, no processo de remodelação do projeto original, foi retirado um dos seus pilares, que previa facilitar ao aluno bolsista a sua inserção na vida universitária. Arcar com os custos que o dia a dia universitário demanda, sem contar, na maior parte das vezes, com o apoio familiar, representa um ônus por vezes insustentável que poderá inviabilizar a continuidade dos estudos. Considero, por isso, a retirada dessa possibilidade, ou desse pilar, como um grave risco à formação do bolsista.

Apesar da frustração decorrente das mudanças introduzidas, tenho de ressaltar a boa vontade do Ministro Tarso Gen-

ro, no sentido de manter parte da proposta, possibilitando, com isso, colocar à disposição do aluno de baixa renda um programa, agora denominado PROUNI – Programa Universidade para Todos -, que possibilitasse ao menos o seu ingresso e manutenção na instituição, embora restrito ao pagamento das mensalidades do seu curso.

Implantado a partir de 2004, o PROUNI, apesar de suas limitações, continua sendo até hoje o único programa governamental que busca mitigar o acesso de alunos de baixa renda ao ensino superior privado, o que deve ser comemorado. Afinal é a única opção para os alunos de baixa renda conseguirem acesso a uma universidade para, com isso, “resgatarem sua cidadania, abrindo o caminho para a sua participação social e política (...) na sociedade” (fls. 154).

Porém, embora o PROUNI goze de reconhecimento, aceitação e respeito pela comunidade acadêmica como está concebido, não deixa de chamar a atenção o fato de esse programa permanecer inalterado em termos de alcance, com o formato que foi concebido há quase 15 anos. Ou seja; o PROUNI “como política pública, precisa amadurecer para realmente realizar a democratização pretendida”, como mencionado na publicação (fls. 154).

## A PUCPR e o PROUNI

Considerando, como mencionei acima, as limitações do PROUNI como programa de inclusão, a PUCPR, como universidade católica e com o carisma de São Marcelino Champagnat, um educador profundamente inovador para o seu tempo, procurou,

desde o início do Programa, adotar posturas que evitassem, ou, ao menos, mitigassem, qualquer prejuízo no processo de formação do aluno bolsista, decorrente da sua origem de segmento de baixa renda.

Não me parece difícil reconhecer que cursar uma universidade com alto potencial de exigência, cujo processo de formação sobrepassa de longe a sala de aula, requer muito mais do que apenas a presença do aluno PROUNI. Se não houver um rigoroso acompanhamento institucional, buscando inserir o bolsista na realidade universitária e dotá-lo de condições para usufruir em plenitude as oportunidades que a universidade oferece, certamente surgirão problemas que poderão inviabilizar, não apenas uma boa formação, mas a própria permanência do bolsista na universidade, comprometendo o seu futuro. O único problema é que isso tudo passa a depender da sensibilidade da instituição que acolhe o bolsista.

E os fatores que desafiam o aluno nessa condição são muitos e de natureza complexa. Custos financeiros de razoável monta, que se contrapõem à baixa renda familiar, fotocópias, locomoção, mudança de cidade, residência, alimentação, inserção universitária e integração no curso, sentimento de inferioridade perante os demais alunos, entre várias outras situações - exigem um enfrentamento institucional planejado, competente e, principalmente, muito humano. Acresça-se a isso o fato de que a maioria dos alunos PROUNI é formada por pessoas que são os primeiros membros da família a conseguirem acesso ao ensino superior. Isso significa que eles terão de abrir seus próprios horizontes, resolver problemas até então desconhecidos pelo seu núcleo familiar, somado isso à reduzida disponibilidade financeira.

Pois bem. É exatamente uma análise profunda e abrangente desta experiência, em andamento na PUCPR, a qual considero excepcionalmente bem-sucedida desde o início do programa, há quase 15 anos, que compõe o conteúdo dessa importante publicação – OLHARES SOBRE O PROUNI NA PUCPR.

Liderado pelo Observatório das Juventudes do Instituto Ciência e Fé (ICF) da PUCPR, um dos espaços mais atuantes da área identitária da universidade, que objetiva produzir conhecimento sobre a realidade juvenil brasileira em seus vários matizes, o estudo dirige seu foco no acesso e equidade ao ensino superior, tendo como campo de pesquisa o PROUNI. É o projeto Advocacy PROUNI, que busca compreender a realidade do aluno bolsista, com toda a sua complexidade, buscando assegurar seu direito a uma formação integral e sucesso profissional.

OLHARES é um estudo que consegue apresentar, com sucesso, um panorama completo sobre o PROUNI da PUCPR, como resultado de um trabalho planejado do qual participaram pesquisadores de reconhecida experiência na área. Lança, além disso, um olhar crítico sobre o programa em si, apontando caminhos, contextualizando-o e relacionando-o com a missão institucional da PUCPR. Como resultado, temos um dos estudos mais cuidadosos e isentos não apenas sobre o tema PROUNI mas sobre as políticas de equidade e inclusão no ensino superior brasileiro, em especial na área privada. Afinal, o programa alcança hoje na PUCPR algo próximo de 7 mil alunos bolsistas.

Um outro aspecto que não pode passar despercebido tem a ver com um alerta que OLHARES lança sobre o tema: a necessidade imperiosa de se estabelecer uma estreita parceria entre a universidade e o bolsista, com tudo que isso significa,

sob o risco de fracasso na sua formação. Esta proximidade, indispensável entre a instituição e o aluno, e seu efeito sobre a formação, fica patente no capítulo RELATOS. Um dos momentos mais tocantes de OLHARES, onde bolsistas e ex-bolsistas abrem sua alma expondo suas dificuldades decorrentes de sua situação socioeconômica, RELATOS constitui-se num alerta pungente à instituição que se dispõe a aceita-lo (“ou pago o RU e venho a pé ou venho de ônibus e fico sem comer” – no desabafo de um entrevistado).

RELATOS mostra o quanto a universidade deve se empenhar para tornar esta relação uma parceria a 4 mãos, cada lado ciente da sua missão. Somente assim será possível recuperar as deficiências acadêmicas trazidas pelo bolsista à universidade, alçando-o ao patamar dos colegas oriundos de ambientes mais competitivos. Esse talvez seja um dos passos mais cruciais e indispensáveis para a inclusão social definitiva do aluno bolsista, que irá assegurar não apenas a sua formação plena no âmbito universitário, como o seu desempenho profissional cidadão após a conclusão do seu curso. Se a instituição não atentar para esse detalhe, estará cooperando para a continuidade da desigualdade social.

Posso assegurar, por isso, que emociona a leitura das iniciativas que a PUCPR adota para a inserção acadêmico-social do bolsista. Desde o acolhimento dos alunos ingressantes, um dos momentos mais estratégicos para a inclusão do aluno, quando a PUCPR, no seu todo, é descortinada como universidade parceira, apontando seus direitos e deveres, oferecendo apoio psicopedagógico, com a área social disponível para todos os momentos, visita domiciliar, supervisão interna e externa, acompanhamento

de denúncias. A inserção passa também pelas oportunidades de estágio, bolsas de iniciação científica e de monitoria, intercâmbio nacional e internacional, recuperação HNB – habilidades do núcleo básico, pastoral, clínicas de odontologia, psicologia e fisioterapia, entre outras opções.

Por outro lado, há um lado bom em tudo isso. É gratificante descobrir, ao longo da publicação, a clara percepção da maioria absoluta dos alunos bolsistas sobre a oportunidade que a vida lhes disponibilizou, não medindo, por isso, esforços no seu usufruto máximo. O que sinaliza tratar-se de pessoas altamente responsáveis, com clara consciência da importância do momento, condição confirmada pela pesquisa, que também aponta tratar-se de “indivíduos com personalidade forte e autônoma” (fls. 44), cuja liderança já chamava a atenção mesmo antes do seu ingresso na universidade. “A bolsa do PROUNI é um bem precioso de que cuidam com muito carinho e orgulho, e tudo que vier para ajuda-los (...) é uma dádiva...” (fls. 55), assinala um dos pesquisadores.

Há, portanto, clareza da parte do bolsista sobre a magnitude do momento que vive na universidade, o que o motiva e enche de energia para superar obstáculos que, num primeiro momento, podem parecer intransponíveis. E o resultado não poderia ser melhor: seu desempenho como alunos nada deixa a desejar. Pelo contrário. Deles são as melhores notas gerais no ENADE. A maior parte dos agraciados pelo Prêmio Marcelino Champagnat, conferido ao melhor aluno da turma durante todo o seu período de estudos, é formada por bolsistas do PROUNI. Portanto, como o estudo mostra, o resultado da parceria univer-

cidade x bolsista, da forma como a PUCPR a conduz, supera todas as expectativas.

Vale a pena tomar contato com os detalhes dessa relação. Uma parceria realmente missionária e encantadora.

Waldemiro Gremski  
Reitor da PUCPR

# O ACESSO E A PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES BOLSISTAS NO ENSINO SUPERIOR: O PROJETO ADVOCACY PROUNI NA PUCPR

Fabiano Incerti<sup>1</sup>

Saulo Geber<sup>2</sup>

Neste capítulo, buscaremos contextualizar as ações do Observatório das Juventudes da PUCPR sobre acesso e permanência de estudantes bolsistas no Ensino Superior. Iniciaremos nossa reflexão com a apresentação do Instituto Ciência e Fé, do Observatório das Juventudes e da Metodologia Advocacy Prouni. Em seguida, partiremos para a análise de dados referentes à pesquisa “Perfil dos estudantes bolsistas da PUCPR”. Em um terceiro e último momento, apresentaremos o processo de construção do grupo de pesquisa Acesso e permanência de estudantes bolsistas da PUCPR, responsável pela produção dos trabalhos que resultaram nos capítulos subsequentes desta publicação.

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Diretor do Instituto Ciência e Fé da PUCPR.

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, professor do curso de Psicologia da PUCPR e professor consultor do Observatório das Juventudes da PUCPR.

# O Observatório das Juventudes do Instituto Ciência e Fé da PUCPR: uma experiência de Advocacy

O Instituto Ciência e Fé da PUCPR<sup>3</sup> foi criado no ano de 2009 com o objetivo de favorecer o diálogo entre ciência, cultura e fé, garantindo, para isso, espaços reais de acolhida, de iniciativas concretas de encontro e procedimentos qualificados de comunicação. Além disso, em seu escopo, estão: a) investigação, difusão e publicação qualificada de conteúdos; b) organização e disponibilização de informações, resultados de pesquisas estatísticas e bibliografia e c) realização de eventos específicos, como cursos, entrevistas, congressos, estudos, mesas-redondas e publicações, com os mais reconhecidos pensadores nacionais e internacionais.

Vinculado à Diretoria de Identidade Institucional e à Pró-Reitoria Comunitária da PUCPR, o Instituto vem sendo responsável pela realização de uma série de programas e projetos, que alcançam tanto a comunidade acadêmica como o público externo. Destacam-se o Café Filosófico, os Diálogos Contemporâneos e o Átrio dos Gentios. Publicações como o Caderno Ciência e Fé têm democratizado o conhecimento gerado em tais projetos e levado ao grande público o resultado dos profícuos e provocadores debates.

No ano de 2013, o Instituto inaugurou o Observatório das Juventudes da PUCPR<sup>4</sup>. Assim como outros Observatórios

<sup>3</sup> Para mais informações sobre o Instituto Ciência e Fé da PUCPR, acesse o site <http://cienciaefe.pucpr.br>

<sup>4</sup> Para mais informações sobre o Observatório das Juventudes da PUCPR, acesse o site <http://observatoriodas-juventudes.pucpr.br>

do Brasil<sup>5</sup>, ele está inserido no contexto das ações afirmativas em torno da temática da juventude, objetivando produzir conhecimento sobre a realidade juvenil brasileira, pautar a discussão sobre juventude na universidade e incidir em práticas e políticas destinadas aos direitos dos jovens<sup>6</sup>.

Em nossa prática de trabalho com os jovens, o tema central é a compreensão das juventudes como uma fase da vida com características próprias e marcada por diversidades e desigualdades (DAYRELL, 2003). Nossas premissas são o reconhecimento dos jovens como sujeitos de direitos que vivenciam momentos de formação pessoal, social, espiritual e profissional (GUARÁ, 2006) e a compreensão de que a juventude é um momento de experimentação e de construção de projetos de vida, demandando instâncias de suporte e mediação (MARTUCCELLI, 2007).

Em seus três anos de existência, o Observatório das Juventudes vem atuando em alguns campos de intervenção. Um deles consiste no trabalho de mobilização contrária à redução da maioria penal no Brasil. O Observatório vem desenvolvendo diferentes atividades de incidência, como a realização de campanhas junto aos professores e estudantes da PUCPR, o lançamento do Caderno Redução da Maioridade Penal: por que somos contra (INCERTI; SILVA, 2015) e um trabalho de mobilização junto aos senadores do Paraná<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> Sediados na Universidade Federal de Minas Gerais, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, na Universidade Federal Fluminense, entre outros.

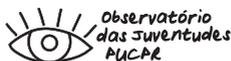
<sup>6</sup> Neste texto, por padronização e por economia, adotamos as normas da língua portuguesa com o uso de artigos, substantivos e adjetivos no masculino para indicar pessoas de ambos os sexos, sem, contudo, coadunar com práticas discriminatórias.

<sup>7</sup> Para mais informações, cf. PUCPR, 2016.



Esta edição foi composta pela Editora Universitária PUCPress  
e impressa em papel Pólen Bold 70g/m<sup>2</sup> (miolo) e  
papel supremo 250g/m<sup>2</sup> (capa).

Desde 2010, a Rede Marista de Solidariedade estabelece o Ciclo *Advocacy* como modalidade de atuação no eixo de defesa e promoção dos direitos de crianças, adolescentes e jovens. A metodologia, embasada em referenciais teóricos e boas práticas, estabelece passos de elaboração, desenvolvimento e avaliação de ações que buscam a garantia de direitos. Esta publicação faz parte do **Ciclo *Advocacy*: Acesso e Permanência de estudantes bolsistas no Ensino Superior**. O livro reúne resultados de pesquisas desenvolvidas por um grupo de professores da PUCPR com seus estudantes de iniciação científica. A publicação também conta com relatos de vivências de estudantes e ex-estudantes bolsistas na PUCPR. Este projeto foi organizado e coordenado pelo Observatório das Juventudes, parte integrante da área identitária da PUCPR, juntamente com o Instituto Ciência e Fé.



ISBN 978-85-68324-87-5



9 788568 324875